



ANAIS

**X Seminário Internacional Práticas Religiosas no Mundo
Contemporâneo**

IX Colóquio Nacional Cultura e Poder

**VIII Seminário de Pesquisas do Laboratório de Estudos
sobre Religiões e Religiosidades**

V Simpósio Regional da ABHR/Sul

**Laboratório de
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)**

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

2023

**GT-1: Interfaces entre Religiões e Política na
Contemporaneidade**

CATOLICISMO E ANTICOMUNISMO NO BRASIL: UMA ANÁLISE HISTÓRICA DO DISCURSO ANTICOMUNISTA DE D. GERALDO DE PROENÇA SIGAUD

Dionatan Souza de Moura (UENP-G)¹
Alfredo Moreira da Silva Jr. (UENP-PQ)²

Resumo: O presente artigo tem como finalidade mostrar uma das múltiplas faces do catolicismo e anticomunismo no Brasil durante o século XX, dentre elas nos interessa especialmente o discurso anticomunista de D. Geraldo de Proença Sigaud (1909-1999) e sua atuação na Sociedade de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP). Nosso objetivo neste trabalho é compreender e problematizar a formação do anticomunismo a partir de sua visão de mundo, para tanto, faremos uso de algumas fontes históricas essenciais tais como: A Carta Pastoral de Saudação (1947), Carta Pastoral sobre a seita comunista (1962) e O Catecismo anticomunista (1963), além de algumas fontes de periódicos da década de 60 do Jornal Tribuna do Norte da cidade de Jacarezinho/PR. Como metodologia fazemos uso da História dos Discursos proposta por Barros (2021), dando ênfase ao triângulo de comunicação que consiste em: “lugar de produção”, “conteúdo” e “lugar de recepção”. Também utilizamos o Domínio de História das Religiões e seu campo temático de História Eclesiástica conforme postulado por Jacqueline Hermann (1997). Por fim, podemos considerar, conforme já posto por Silva Jr (2013) e Caldeira (2015), que D. Sigaud representou o extremo do conservadorismo católico no século XX e conseqüentemente foi um dos maiores bispos anticomunistas da História da Igreja no Brasil.

Palavras-Chaves: Catolicismo. Anticomunismo. Concílio Vaticano II. Guerra Fria.

INTRODUÇÃO

Durante os anos de 1962 a 1965, a Igreja Católica Apostólica Romana vivenciou um grande fenômeno de transformação histórica intitulado Concílio Vaticano II. Anunciado pelo papa João XXIII durante o ano de 1959, convocado pelo mesmo no ano de 1962 e finalizado pelo seu sucessor Paulo VI no ano de 1965.

Segundo Libanio (2002), o Concílio Vaticano II foi de natureza pastoral e ecumênica. Foi por parte da Igreja uma reconciliação com a Modernidade. O historiador De Mattei assinala que “a dimensão pastoral torna-se assim uma chave hermenêutica para se reconhecer a ‘historicidade da Igreja’ e se interpretar historicamente a verdade cristã” (DE MATTEI, 2013, p.22). Neste instante o concílio passou a se relacionar com a modernidade, ao passo que “abriu a doutrina tradicional ao pensamento moderno” (LIBANIO, 2002, p. 70 - grifos).

É preciso considerar, conforme postulado por Silva Jr (2013), que “a modernidade

¹ Discente do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual do Norte do Paraná UENP - Campus Jacarezinho, e-mail: dionatan.lsouza@gmail.com

² Professor Associado do Centro de Ciências Humanas e Educação da Universidade Estadual do Norte do Paraná UENP - Campus Jacarezinho, e-mail: alfredo@uenp.edu.br

trouxe uma crise nos paradigmas tradicionais, colocando a Igreja (...) numa nova encruzilhada histórica” (SILVA JR, 2013, p. 167).

No cerne dessa “Igreja reconciliada” com o mundo moderno, encontra-se a figura de um bispo chamado Geraldo de Proença Sigaud. Sigaud nasceu em Belo Horizonte/MG no ano de 1909. De acordo com Silva Jr (2013), foi o primeiro sacerdote ordenado na recente capital mineira e o primeiro a ser nomeado bispo pelo papa Pio XII. Seu primeiro episcopado realizou-se na Diocese de Jacarezinho/PR entre os anos de 1947-1961, posteriormente fora transferido para Diamantina/MG entre os anos de 1961-1980. No ano de 1980 o arcebispo solicita sua aposentadoria em função de problemas de saúde e no dia 05 de setembro de 1999 faleceu sendo vítima de insuficiência cardíaca.

D. Geraldo Sigaud se mostrava contrário à pretensão do Concílio Vaticano II, pois o mesmo acreditava que a relação entre Igreja e modernidade seria a porta aberta para as ideias socialistas e comunistas se infiltrarem na Igreja. Por isso na década de 1960-70 D. Sigaud assume uma postura anticomunista ferrenha.

Portanto, nosso objetivo é compreender os motivos dessa formação anticomunista do referido bispo durante o século XX. Tomamos como recorte os anos de 1960 a 1980. Essa preferência justifica-se ao passo que na década de 1960 começou-se a formação de grupos integristas e segundo Silva Jr (2013), durante esta conjuntura observa-se um embate entre “tradicionalistas” e “progressistas”. No que concerne à década de 1970 há um esvaziamento nesta tensão. A partir de 1980, com a queda do muro de Berlim, o fim da União Soviética e a crise das esquerdas, as atenções institucionais da Igreja se mudam de foco. A Igreja “vence” o comunismo e passa a encarar novas perspectivas, o pecado e o demônio, “novos” mas antigos inimigos.

Para esta prática historiográfica, utilizamos da História do Discurso, repertório metodológico proposto por Barros (2021). Procuramos levar em consideração que todo discurso em forma de texto ou não, é um objeto de significação e um objeto de comunicação cultural entre os sujeitos. Segundo o autor, todo discurso possui um triângulo de comunicação, “lugar de produção”, “conteúdo” e “lugar de recepção”. Utilizamos do domínio da História das Religiões, proposto por Jacqueline Hermann (1997) cujo campo temático propício é a História eclesiástica que segundo a autora se resume ao “estudo do funcionamento, estrutura e organização do clero e da pregação religiosa, incluindo as formas de proselitismo religioso, a disciplina clerical e a normatização do ritual (...)” (HERMANN, 1997, p. 489).

Para fins de esclarecimento, esta pesquisa propõe-se a partir da bibliografia disponível

sobre a Igreja Católica no Brasil, bem como de D. Geraldo Sigaud e sua trajetória. Também será utilizado, documentos históricos de natureza escrita e também de periódicos. Ambos materiais contribuem eficientemente para uma análise do anticomunismo na política e na religião.

UMA ANÁLISE DE CONJUNTURA DO SÉCULO XX: A ORIGEM DO COMUNISMO, REVOLUÇÃO RUSSA E GUERRA FRIA

De acordo Karl Marx e Friedrich Engels o conceito de “comunismo” é criado à luz da libertação do proletariado das amarras da burguesia capitalista do século XIX. Em sua obra Manifesto do Partido Comunista (1848), Marx e Engels lançam bases para um sistema que mais tarde chamar-se-à “comunismo”. Por isso, “o que distingue o comunismo não é a abolição da propriedade em geral, mas a abolição da propriedade burguesa” (MARX; ENGELS, 2001, p. 79). Portanto, a teoria de Marx e Engels se baseiam em um único e claro objetivo, “a supressão da propriedade privada” (MARX; ENGELS, 2001, p. 79). Pois é na propriedade privada burguesa que se encontra o antagonismo de classes, em outras palavras uma inércia, “pois os que nela trabalham não ganham, e os que nela ganham não trabalham” (MARX; ENGELS, 2001, p. 82).

De acordo com Grespan, "Marx propõe que o elemento propulsor da vida social em todas as sociedades divididas em classes ao longo da história tem sido oposição (...). Marx mudou o sentido de toda a tradição do pensamento político ocidental” (GRESPLAN, 2021 p. 78).

Para Marx (e Engels), a redistribuição completa dos meios de produção define a verdadeira revolução social e marca a transição de uma época histórica para outra. O que está em jogo é o surgimento de novas relações de produção, mais do que a mera ascensão de uma classe ao poder político (GRESPLAN, 2021, p. 78-79).

A partir disso, em 25 de outubro do ano de 1917 o mundo conheceu uma nova Revolução. A chamada Revolução Russa. Tal revolução se deu em função das crises internas do país cuja política era absolutista por parte do Czar Nicolau II. Portanto, evidentemente que “a Revolução de Outubro foi vista como o anúncio de um mundo novo e de uma nova era, que deveria ter sido a da igualdade, da justiça, do fim da exploração” (GROPPO, 2008, p. 117).

No contexto dessa agitação geral, o Outubro bolchevista foi apenas um episódio, que, no entanto, retrospectivamente, aparece como momento culminante, precisamente por ter aberto caminho à instauração de um novo sistema político e social, destinado a perdurar. (GROPPO, 2008, 117).

Portanto, podemos considerar que o comunismo é um conceito complexo, e que neste caso, ele foi concebido dentro da Revolução de Outubro como elemento (mito) fundador da União Soviética. Sua característica mais básica é a concentração de todo poder nas mãos do partido comunista. E com os bolcheviques, era esperado que ele se estendesse a todos os países.

No término da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), todo o mundo conheceu uma divisão bipolar. Biagi (2006) aponta que, os Estados Unidos organizaram uma série de estratégias para obter uma melhor posição no tabuleiro internacional. A URSS, negava-lhes seus favores, isso colocou nos ares internacionais um medo exponencial do comunismo. É preciso salientar que o medo era real.

Segundo Hobsbawm, a Guerra Fria

Não foi uma fase cômoda para se viver, pois a maioria dos homens sentia fome e muitos tinham medo, mas foi um fenômeno tão terrível e irreversível quanto a primeira explosão nuclear, e toda a história tem sido permanentemente transformada por ela (HOBSBAWM, 1997, p. 90).

É possível destacar, que com este conflito político-ideológico, o medo e a oposição ao modelo socialista/comunista tomou conta do Ocidente, pois como referência a esta conjuntura, estava a Revolução Russa de Outubro de 1917. Neste sentido, pode-se imaginar que a Revolução de Outubro “assustou as grandes potências mundiais [...] e fez com que elas iniciassem uma política de confronto e de contenção perante o novo regime” (BIAGI, 2006, p.76). E também, por que “o medo da expansão comunista transformava-se em um elemento central das políticas do pós-guerra” (BIAGI, 2006, p. 76).

UM PANORAMA HISTÓRICO DA IGREJA CATÓLICA NO BRASIL

Estudar a história de D. Sigaud é em última análise se debruçar sobre a História da Igreja no Brasil. A partir disso, podemos compreender que com o advento da República em 1889, a Igreja perdera suas relações e privilégios com o Estado. Mainwaring (2004), aponta que

(...) entre 1890 e 1916 a Igreja se preocupou sobretudo com a consolidação de reformas internas (...). Ao ceder ao invés de lutar contra a separação legal entre Igreja e Estado, os líderes da Igreja evitaram o anticlericalismo rancoroso (MAINWARING, 2004, p. 42-43).

Posteriormente, temos uma reorganização institucional eclesiástica, e esta ficará conhecida como neocristandade³.

Refazendo-se rapidamente, a Igreja firmou novas bases, entendidas como o modelo religioso conhecido como neocristandade. Este pode ser datado de 1916 com a publicação da Carta Pastoral de D. Leme, atingindo seu apogeu de 1930 a 1945 quando Getúlio Vargas era presidente (SILVA JR, 2007, p. 28).

Silva Jr (2007), garante que a aproximação entre Igreja e o getulismo favoreceu o combate ao comunismo de ambas as partes.

O aumento do temor ao comunismo, nos anos 30, surgiu num momento em que a Igreja buscava reconquistar espaços perdidos desde o início da República (...) Numa carta pastoral anticomunista publicada no início da década de 30, encontra-se uma passagem interessante, um chamado aos governantes do país. Após descrever os males e os riscos associados à doutrina comunista, o Bispo fala da importância do ensino religioso como barreira à doutrina bárbara (MOTTA, 2002, p. 78).

O ANTICOMUNISMO NA POLÍTICA E NA RELIGIÃO

Após uma breve análise do panorama político e social do século XX, sabemos que as mudanças afetam o espectro político e também religioso. Pois, “a organização muda principalmente porque seus interesses a obrigam a mudanças que estejam de acordo com as transformações da sociedade como um todo” (MAINWARING, 2004, p. 17).

Carla Luciana da Silva (2000), adverte que não devemos estudar o anticomunismo apenas na Era Vargas (1930-1945), mas em toda história, isso porque o anticomunismo não se manifesta em temporalidades fechadas. Rodrigo Patto Sá Motta (2002), pondera que o fenômeno do anticomunismo no Brasil se dá entre 1917 e 1964, porém considera dois períodos fundamentais, sendo o primeiro de 1935-1937 e 1961-1964. Esses foram dois contextos históricos que “o anticomunismo se manifestou de forma mais intensa no país, tendo contribuído para eclosão de golpes autoritários de 1937 e 1964” (MOTTA, 2002, p. 71). Silva (2000) enfatiza a necessidade de ampliar o sentido implícito e explícito, dos motivos que levaram o sujeito a se manifestar como anticomunista. Neste sentido, “ampliar na análise o conceito de comunismo para seus enunciadores (anticomunistas) possibilita perceber que não é possível fazer dissociação entre prática e discurso anticomunista” (SILVA, 2000, p. 207).

Por essa razão, é importante compreender a leitura de D. Sigaud à base da definição de comunismo marxista-leninista e por fim chegar a seu discurso, que por vezes figurou em suas

³ A neocristandade (1916-1955) segundo Scott Mainwaring (2004), consiste em estratégias por parte do catolicismo brasileiro a partir da publicação da carta pastoral de D. Sebastião Leme para buscar a reaproximação entre Igreja e Estado.

obras como a Carta Pastoral Sobre a Seita Comunista e Catecismo Anticomunista.

D. Geraldo Sigaud tomou posse da Diocese de Jacarezinho/PR em 1947. Neste mesmo ano de sua chegada a Jacarezinho, o Bispo publica uma Carta aos seus diocesanos, A Pastoral de Saudação, nela acentua o não isolamento da Diocese e sua importância a nível nacional.

Diante da saudação aos seus fiéis fica muito claro a boa relação pastoral que o Bispo enseja estabelecer com seus diocesanos. Seus feitos na cidade se resumiram à construção de escolas católicas - Colégio Cristo Rei e Colégio Imaculada Conceição - fundou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jacarezinho para formar docentes com capacidade de lecionar em suas escolas. O Bispo estabeleceu negócios com o Governo do Estado para concessão de cinquenta alqueires de terra para construir o primeiro Seminário Menor da Diocese e iniciou a formação de sacerdotes para compor suas paróquias. Em sua Pastoral de Saudação já exortava os fiéis a contribuírem com esta empreitada. “E desde já vos pedimos, amados irmãos e filhos, que Nos ajudeis com vossas preces e sacrifícios, com vosso trabalho e esmolas, para que em breve Nossa Diocese conte com um Seminário Menor” (SIGAUD, 1947,p. 10).

Dada sua transferência para Diamantina/MG em 1961, os diocesanos de Jacarezinho/PR se entristecem com a notícia. No jornal Tribuna do Norte de Jacarezinho, edição de 09 de abril de 1961, nº45, é estampada uma matéria cujo título é: “Deixa Jacarezinho Dom Geraldo (*sic*)”.

Em solenidades a terem lugar hoje, estará despedindo-se de Jacarezinho, D. Geraldo de Proença Sigaud. Arcebispo eleito de Diamantina. O programa que marcará a despedida de D. Geraldo de sua diocese, é o seguinte: Hoje, domingo, dia 9 de abril: às 10h, Missa Pontifical celebrada por D. Geraldo de Proença Sigaud, de sua amada Diocese de Jacarezinho, com a presença de autoridades, colégios e do povo. Às 14 horas desfile escolar em honra a Dom Geraldo. Às 15 horas: Em frente à Catedral, monumental concentração do Povo de Jacarezinho e representações de todas as Paróquias da Diocese. Às 17 horas: grandiosa procissão eucarística com Bênção do Santíssimo Sacramento e bênção final dada por D. Geraldo à cidade de Jacarezinho e à Diocese. Às 20h banquete oferecido pelo povo de Jacarezinho a D. Geraldo (...) (Tribuna do Norte, 09 de abril de 1961).

É notório que a programação de despedida de Sigaud foi excepcional. Isso demonstra e confirma relatos de que ele era um “Pastor” para a população de sua amada Diocese. Em outra matéria do mesmo jornal, publicada em 23 de abril de 1961, temos uma declaração a D. Geraldo. Uma mensagem de saudade, expressada com sentimentalismo exacerbado, por uma escritora com um pseudônimo de Luça Rath.

Mas em meio desse turbilhão de sentimentos pela sua partida devemos nos orgulhar porque ele (D. Geraldo) vai subir tão alto, tão alto até pousar os pés num pedestal de ouro. Entretanto realmente aqui ficamos espalhando expressão de uma infinita mágua! Sua Excia. esteve muito tempo entre nós (...). Ele como Jesus atende carinhosamente as criancinhas, atende aos desamparados com sua divina justiça, aos moços da faculdade de filosofia (...). Fez tudo por Jacarezinho, a majestosa Catedral que hoje vemos e que ouvimos dizer que Jacarezinho vai ficar conhecido pela sua igreja! O seminário onde abriga a juventude cheia de amor a Deus (...). Não podemos mais sentir o perfume de sua religião e da filosofia da sua alma pura (...). Sem ele ficamos como as aves que não fizeram seu próprio ninho (...) (Tribuna do Norte, 23 de abril de 1961 - grifos).

De acordo com Luca (2021), a análise de periódicos deve ser levada em conta a problematização da falsa ideia de neutralidade e objetividade presentes nos jornais. Importante será focar na "compreensão das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa" (LUCA, 2021, p. 140). E também, nas "ferramentas provenientes da análise que problematizam a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento" (LUCA, 2021, p. 139).

D. Geraldo deixou saudades à cidade de Jacarezinho, mas não só isso, ele também deixou suas marcas na cultura da cidade. Significa que a narrativa expressa nos periódicos confirma o fato de que, "(...) as obras de Dom Geraldo, tiveram repercussões positivas entre os jacarezinhenses" (EVANGELISTA, 2013, p. 45). E por fim, essas repercussões positivas entre os cidadãos do município condiz com a motivação da escrita desses periódicos, sua narração e o acontecimento da própria narração. Não há dúvidas de que a passagem de D. Geraldo em Jacarezinho fora excêntrica.

O contexto de seu bispado na Diocese de Jacarezinho (1947-1961), é marcado por uma acentuada mudança global, o mundo encontrava-se dividido em ideologias. É nesse contexto que o medo do comunismo ganha peso com o advento da Guerra Fria.

As práticas religiosas de Sigaud vão buscar um estreitamento entre o bispado, o clero e os fiéis. O culto à Virgem Maria é fortalecido pelo apoio dado pelo Bispo às Congregações Marianas. Isto é importantíssimo na busca do sagrado, na tentativa de fazer frente ao "mundanismo" proveniente das "novas idéias" (SILVA JR, 2013, p.49).

Sigaud encontrou em Jacarezinho uma sociedade cafeeira, "o momento em que Sigaud chega a Jacarezinho, o município é majoritariamente rural, e vive o momento áureo da cafeicultura" (EVANGELISTA, 2013, p.140). Neste sentido, a cidade foi construída a base do

clientelismo⁴ e o coronelismo⁵, o que favoreceu para divulgar suas ideias e teorias anticomunistas pela cidade. Pois seus aclamadores, saudosos diocesanos eram majoritariamente, membros da alta elite da cidade.

O discurso anticomunista iniciou com sua Pastoral de Saudação.

Em cada parte da carta, seu texto procurará “ defender” os princípios da neocristandade e da romanização, mostra ainda uma visão de mundo tomista e medieval condenando veementemente o comunismo entendido como um reflexo dos males da modernidade (SILVA JR, 2013, p. 43).

É possível notar em sua carta, este discurso do comunismo como um mal gestado pela modernidade.

(...) Contemplemos as nuvens luminosas. Ha outras, pardas e negras, no céu da Igreja. Ha tempestades que roncam, ha feridas que sangram (...) Não nos faltará ocasião de falarmos tambem do que é doloroso. Doloroso no campo natural, doloroso na vida sobrenatural dos individuos, das associações e das instituições (SIGAUD, 1947, p. 9).

A década de 50, segundo De Mattei (2013), é marcada por uma crise teológica dos anos 50. A Igreja sob o papado de Pio XII enfrenta os prenúncios da modernidade em curso. Pio XII em sua encíclica *Humanis generis* condena o relativismo e uma série de erros de seu tempo.

É neste contexto que em 1959, já com a convocação para o Concílio Vaticano II, que o Bispo Sigaud expressou sua opinião acerca da realidade da Igreja. “De acordo com o bispo de Jacarezinho, já em 1959 a situação da Igreja Católica era dramática, devido às infiltrações neomodernistas” (DE MATTEI, 2013, p. 117).

Sigaud participou do Concílio Vaticano II (1962-1965) compondo o grupo de Bispos conservadores do *Coetus Internationalis Patrum*. Sua participação no (CIP) levou o Bispo a “encabeçar os esforços em busca de uma condenação do comunismo pelo Concílio” (CALDEIRA, 2015, p. 73). A atitude de D. Sigaud é constatada por Silva Jr (2013). O bispo teve de aceitar as decisões conciliares, mas manteve seu radicalismo político, continuando à

⁴ Raimundo Faoro em *Os Donos do Poder* (2001), apresenta o clientelismo no Brasil baseado na lógica patrimonialista, cujas heranças provém do período colonial. A herança privada precede a pública. O patronato político brasileiro é subordinado ao patrimonialismo português e na passagem da Monarquia para a República a relação clientelista é reforçada.

⁵ Segundo Leal Nunes (2012) o coronelismo consiste em um fenômeno complexo que vigorou durante a primeira experiência do federalismo brasileiro, que envolve uma conexão entre municípios, Estados e União e que objetiva definir as características da política municipal. Este consiste em um “resultado da superposição de formas desenvolvidas do regime representativo a uma estrutura econômica e social inadequada” (NUNES, 2012, p. 23). O coronelismo faz parte de um compromisso, uma troca entre o poder público e senhores de terras cuja importância e influência social exercem. Fazem parte da estrutura como característica secundária: o mandonismo e o filhotismo.

luta contra o comunismo na Igreja. Não por acaso, segundo Caldeira (2015), e Silva JR (2007), Sigaud é um dos maiores bispos brasileiros representantes do anticomunismo. Tal afirmativa é visível através de suas publicações.

D. Geraldo de Proença Sigaud participa do grupo conservador e integrista intitulado de Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade. Mainwaring (2004), considera a TFP como uma virulenta expressão da direita católica. Em 1940, Plínio Correia de Oliveira foi nomeado presidente da junta da Ação Católica de São Paulo, junto com seus colaboradores, então padres Sigaud e Castro Mayer. Sigaud e Castro Mayer são sagrados Bispos. E estes participam do Concílio Vaticano II, devotando uma forte oposição ao comunismo e formando blocos anti concílio como resistência ao aggiornamento.

Retornando às práticas e discursos anticomunistas de D. Sigaud, de acordo com Silva Jr (2013), os discursos do Bispo eram destinados a um público muito específico. Sigaud falava às pessoas de classes mais elevadas com total erudição. Preocupava-se em formar consciências para a Igreja e isso resultou na ampliação da educação católica na região de Jacarezinho/PR.

Em 1962, ano auge do movimento anticomunista no Brasil, D. Geraldo Sigaud, residindo em Diamantina/MG, lança sua Carta Pastoral sobre a seita comunista. Conforme Sigaud aponta, “nossa resolução de vos escrever sobre esta seita perigosíssima amadureceu em Nossa alma por ocasião da crise que nossa Patria atravessou em agosto e setembro do ano passado” (SIGAUD, 1962, p. 4-5). A crise brasileira a qual o Sigaud se refere, é uma “crise na produção, no transporte e nas finanças. Oportunistas buscariam mostrar uma saída para a crise e a Reforma Agrária seria essa saída” (SILVA JR, 2013, p. 85 - grifos).

O Bispo dividiu sua carta em quatro partes, discutiu-se nessas partes o marxismo, a seita comunista ou o marxismo em ação, a situação do Brasil e a nossa ação. Cada parte compõe-se de três capítulos.

Sigaud expressa em seu texto uma ontologia entre a doutrina católica e a doutrina marxista. Segundo o Bispo, “o direito é uma prerrogativa sagrada” (SIGAUD, 1962, p. 28). Portanto, “a existência de tal prerrogativa provém do fato de Deus, o Senhor das criaturas, ter destinado assim uma criatura para a outra. Por isso quem não respeita tal prerrogativa viola a ordem estabelecida por Deus” (SIGAUD, 1962, p. 28). Em contrapartida para visão marxista esse direito inexistente, “o direito é uma quimera que os homens inventaram, e não precisa ser respeitado” (SIGAUD, 1962, p. 28-29).

Segundo Caldeira (2015), esta obra de D. Sigaud não foi muito bem recebida pelos fiéis. Isso talvez deve-se ao fato de que a mesma trata de uma “análise filosófica, histórica e teológica sobre as origens e o desenvolvimento do comunismo internacional, tendo como referências autores europeus, e a Europa como palco” (SILVA JR, 2013, p. 70).

Importante lembrar que nesse contexto de anos 1960, a Guerra Fria estava no auge com suas potências armadas de mísseis balísticos e bombas atômicas. No Brasil a crise dos anos 60 estava a todo vapor, às vésperas do Golpe Civil-Militar, o medo da Reforma Agrária como saída da crise era assustadoramente impensável para D. Sigaud.

A produção imaginária do anticomunismo norte-americano provavelmente ocasionou uma forte influência para o temor de D. Geraldo, pois “a sociedade norte-americana começou a aceitar o comunismo como seu grande inimigo e acreditar no papel dos Estados Unidos como o país que iria enfrentar este inimigo pelo mundo” (BIAGI, 2001, p. 80). É considerável essa necessidade de enfrentamento, uma vez que, “o comunismo do século XX foi um fenômeno transnacional tanto do ponto de vista político como no plano cultural” (GROPPO, 2008, p. 139).

Neste contexto, Caldeira (2015), ao pesquisar em arquivos pessoais do arcebispo Sigaud, observa que o arcebispo tivera uma relação cordial com os norte-americanos. Segundo o autor, o arcebispo de Diamantina recebia muitas obras americanas de cunho anticomunista. “Em 1962, o Bispo escrevia para o Sr. J. P. Grace a fim de agradecer-lhe seu novo livro 'Aún no es tarde’” (CALDEIRA, 2015, p. 83). Nesta carta, o Bispo escreveu:

Aflige-me há muito tempo a vista da eficiência da propaganda russa em minha pátria, e a insuficiência da propaganda Norte-Americana (...) A propaganda contra o comunismo na América Latina, deve ser feita de maneira profunda: mostrando que o comunismo é incompatível com a religião e os direitos de Deus e dos homens (SIGAUD/Diamantina apud CALDEIRA, 2015, p. 83).

Em 1963, Sigaud lança seu Catecismo Anticomunista, esta obra composta por perguntas e respostas ficou muito conhecida. No que tange a obra, podemos dizer que esta é de uma perspectiva integrista. O que nos chama atenção é que este catecismo transcende os anos de 1960, sendo utilizado por setores conservadores da Igreja em pleno século XXI. Não obstante constatamos em sua apresentação e prefácio da edição Cristo Rei de 2018, uma postura avessa ao comunismo dos comentadores Bernardo Pires Küster e Carlos Nougé. Ainda assim, tendem a representar o comunismo como um demônio.

Segundo Silva Jr (2013), o Catecismo anticomunista ganhou fama no Brasil da década de 60. Ele “circulou por todo país às vésperas do Golpe Civil Militar de 1964 e era estudado especialmente pelas Congregações Marianas” (SILVA JR, 2013, p. 84).

O discurso presente em sua obra, o contexto histórico e o conteúdo explicam a forte circulação deste livreto nos anos que precederam a Ditadura Civil-Militar. Sigaud dividiu sua obra em dezessete seções. Em sua primeira seção, Sigaud apresenta o que é o comunismo e o que ele ensina.

1. O que é comunismo?

Uma seita internacional, que segue a doutrina de Karl Marx, e trabalha para destruir a sociedade humana baseada na lei de Deus e no Evangelho, bem como para instaurar o reino de Satanás neste mundo (SIGAUD, 1963, p. 25).

Fica claro a relação entre comunismo e Satanás no discurso do Bispo. Silva Jr (2007), já apontou que essa relação entre o demônio e o comunismo se faz presente em todo seu catecismo anticomunista.

Em uma outra passagem o Bispo constata que para os comunistas não existe fé em Deus, a fé é inexistente.

9. O homem, segundo o comunismo, depende de Deus e da sua lei?

Não. Uma vez que só há matéria, o homem não depende de Deus, que não existe; ele é supremo senhor de si mesmo (SIGAUD, 1963, p. 26).

Na segunda seção de seu catecismo, D. Geraldo Sigaud examina as atitudes do comunismo perante a religião católica. E ressalta a oposição ferrenha entre religião e doutrina comunista.

10. A seita comunista dá importância à Religião?

Embora negue a existência de Deus, e afirme que a Religião é coisa quimérica, o comunismo dá grande importância ao fato de que existe Religião no mundo, porque vê nela o seu maior inimigo. Lênin a chama de “ópio do povo” (SIGAUD, 1963, p. 27).

Importante lembrar que Geraldo Sigaud já era arcebispo de Diamantina/MG. Nesta ocasião, o mesmo participava do grupo de católicos conservadores da Tradição, Família e Propriedade (TFP). Como podemos perceber em suas obras, Carta Pastoral sobre a Seita Comunista e Catecismo Anticomunista, o discurso do arcebispo era extremo, ademais, temiam severamente uma revolução no Brasil aos moldes da Revolução Russa.

Em 1968, face uma tensão entre direitistas e esquerdistas e quase no auge da Ditadura Civil-Militar, o arcebispo de Diamantina desferiu ataques contra outros bispos e padres considerados por ele de "vermelhos". Entre esses, estão o D. Helder Câmara e Padre Joseph

Comblin e diga-se de passagem, dois grandes teólogos que passaram a questionar os métodos de repressão e violência militar. Tal atitude anticomunista de setores conservadores da Igreja e do Estado, culminou na expulsão do padre Comblin. “Ao retornar da Bélgica, seu país natal, Comblin foi detido no aeroporto de Recife, transportado para o Rio, mantido incomunicável e intimado a deixar o país” (MAINWARING, 2004, p. 121).

Nesta conjuntura de 1964 a 1970, segundo Mainwaring (2004), a Juventude Operária Católica tornou-se anticapitalista. Para o autor a JOC corresponde a “um movimento da classe operária urbana (...) e também um dos mais importantes precursores da Igreja popular dos anos 70” (MAINWARING, 2004, p. 139). Neste sentido, a JOC anticapitalista passou a criar tensões contra os militares.

Segundo Silva Jr (2013), D. Geraldo “em meados dos anos 80, chegou a pedir ao presidente João Figueiredo a expulsão do padre espanhol, Pedro Casaldáliga (...) Três dias depois, pediu sua aposentadoria alegando problemas de saúde” (SILVA JR, 2013, p. 78).

No dia 05 de setembro de 1999, na capital mineira, Sigaud veio a falecer. Sua morte foi noticiada em todo o Brasil.

O arcebispo emérito de Diamantina (MG), Dom Geraldo de Proença Sigaud, morreu aos 89 anos, no domingo 5, vítima de insuficiência cardíaca. Foi uma das maiores expressões do clero ultraconservador no Brasil. Filho de fazendeiros, foi um dos teóricos da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP), organização católica contra o comunismo (REVISTA ÉPOCA, 1999, apud SILVA JR, 2013, p. 78).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo discurso, independente de sua origem ou natureza, não se esvazia no tempo. O discurso anticomunista por sua vez vêm tornando-se cada vez mais reapropriado e ressignificado na esteira do tempo, não vamos nos ater a esta discussão contemporânea devido os limites deste artigo, mas forneceremos bases para compreender as transformações deste discurso de D. Sigaud. É bem claro, que todo discurso possui seu lugar de produção, conteúdo e local de recepção conforme Barros (2021). Consideramos que o discurso anticomunista de D. Geraldo de Proença Sigaud no século XX contribuiu efetivamente para a origem e do anticomunismo do século XXI. O que podemos observar é uma reapropriação deste discurso no limiar do século XXI cuja recepção se dá na sociedade brasileira contemporânea.

As razões pelas quais D. Sigaud se mostrava contrário ao sistema comunista foi pelo motivo de que o mesmo tivera uma pretensão de universalização a partir da URSS. O conflito entre conservadorismo e progressismo como já podemos observar têm sua referência

de conjuntura no medo do comunismo bolchevique. Na virada do milênio, essa conjuntura muda em função da Queda do Muro de Berlim e o enfraquecimento das esquerdas e do socialismo real. O discurso anticomunista ganha peso nas novas interpretações de Olavo de Carvalho e outros intelectuais conservadores do século XXI. O comunismo passa a ser analisado a partir da ótica de guerra cultural.

Segundo Souza (2021), a conjuntura do século XXI, está permeada por particularidades e os discursos da direita bolsonarista são discursos envoltos de guarda do sistema capitalista do “inimigo”. Isso evidencia, que o discurso anticomunista, neste contexto de século XXI, é em última análise o discurso do sistema neoliberal que enfatiza a adoção do capitalismo como sistema de governo. É bem notável que o discurso anticomunista é por sua natureza neoliberal, que defende a moral cristã, de propriedade privada e de família tradicional.

Podemos considerar que, após os embates contra o comunismo bolchevique russo, o pecado e o demônio voltam a ser combatidos com maior intensidade por parte da Igreja católica.

A luta contra os comunistas acabou, no entanto, ressurgiu um antigo inimigo, ‘o próprio demônio’. As referências ao antigo opositor fortalecem-se cada vez mais. Se o retorno à Idade Média não foi possível em termos políticos, ao menos ao nível teológico é algo perceptível (SILVA JR, 2006, p. 85).

O tempo da História é sempre flexível, transformações e permanências se inscrevem no bojo das temporalidades. Eventuais mudanças provocam um anticomunismo diferente, mas não desigual àquele do século XX. O que podemos perceber com clareza é a existência de uma dinâmica histórica que figura em tempos e espaços históricos. Como reflexo, encontramos o catolicismo e o anticomunismo em constantes tensões de cunho político e também religioso.

REFERÊNCIAS

DOCUMENTOS ESCRITOS:

SIGAUD, D. Geraldo. **Pastoral de Saudação**. São Paulo: 1947.

SIGAUD, D. Geraldo. **Pastoral sobre a seita comunista**. 2.ed. São Paulo: Vera Cruz, 1962.

SIGAUD, D. Geraldo. **Catecismo anticomunista**. 3.ed. São Paulo: Vera Cruz, 1963.

DOCUMENTOS PERIÓDICOS:

Sem autor: Deixa Jacarezinho Dom Geraldo. **Tribuna do Norte**, Jacarezinho, 09/05/1961.

RATH, Luça. Mensagem a Dom Geraldo. **Tribuna do Norte**, Jacarezinho, 23/05/1961.

BIBLIOGRAFIA:

- BARROS, José D'Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BIAGI, Orivaldo Leme. Imaginário da Guerra Fria. **Revista de História Regional**. v.6. n.1. 2007. (p.61-122).
- CALDEIRA, Rodrigo Coppe. Católicos e anticomunistas: D. Geraldo de Proença Sigaud e a literatura anticomunista no Brasil. **Revista del CESLA**, n.18, 2015. (p.67-87).
- DE MATTEI, Roberto. **O Concílio Vaticano II: uma história nunca escrita**. São Paulo: Ambientes & Costumes Editora, 2013.
- EVANGELISTA, Luciana de Fátima Marinho. **O artista e a cidade: Eugênio Sigaud em Jacarezinho (1954-1957)**. Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2012.
- GRESPLAN, Jorge. **Marx: uma introdução**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2021.
- GROPPO, Bruno. O comunismo na História do século XX. **Revista Lua Nova**. São Paulo, 2008. (p.115-141).
- HERMANN, Jacqueline. História das Religiões e Religiosidades. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. (p. 474-507).
- HOBBSBAWM, Eric. **A era das revoluções: Europa 1798-1748**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- JUNIOR, Alfredo Moreira da Silva. **Atualização ou fumaça de Satanás: interpretações sobre o Vaticano II no catolicismo brasileiro**. Tese (Doutorado em Ciência da Religião), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2013.
- JUNIOR, Alfredo Moreira da Silva. **Catolicismo, poder e tradição: um estudo sobre as ações do conservadorismo católico brasileiro durante o bispado de D. Geraldo Sigaud em Jacarezinho (1947-1961)**. Dissertação (Mestrado em História e Sociedade), Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Assis, 2006.
- LIBANIO, João Batista. **Igreja contemporânea: encontro com a modernidade**. 2.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- LIBANIO, João Batista. **Cenários da Igreja**. 3.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2021. (p. 111-153).
- MAINWARING, Scott. **Igreja católica e política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- MARXS, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. 3.ed. São Paulo: Edipro, 2015.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A “indústria” do anticomunismo. **Revista anos 90**, n.15. Porto Alegre, 2002. (P.71-91).
- SILVA, Carla Luciane. Anticomunismo brasileiro: conceitos e historiografia. **Tempos Históricos**, n.01. 2001 (p.195-228).
- SOUZA, Greice Carolina Silva de. **Anticomunismo: o espectro imaginário que ronda o Brasil**. Dissertação. (Mestrado em Ciência Política), Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2022.

* * * * *